

## **“Um ofício não oficial”: a produção de vasilhames de pedra-sabão em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX**

Vinícius Melquiades\*

### Introdução

As panelas de pedra-sabão mineiras são em Minas Gerais, ao menos desde meados do século XX, objetos da indústria e comércio cultural, com status de “Patrimônio”, representativos de uma identidade mineira. Sua ocorrência em sítios arqueológicos, museus e o alcance de sua produção e comércio atual, chamam atenção para a importância desses objetos no processo histórico. Não há, no entanto, como citar o termo “pedra-sabão” sem que se remeta, quase que diretamente, a “Aleijadinho”; o que gera uma grande confusão quanto à dinâmica da qual participam esses objetos no passado.

É na primeira metade do século XVIII, no entanto, onde encontramos referência à fixação de comunidades, nos arredores de Ouro Preto e Mariana, voltadas para a produção desses artefatos que circulavam nos então centros urbanos e caminhos. Nesse contexto de ocupação mineira é unanimidade entre os historiadores a descoberta de ouro gerou um grande e intenso movimento de ocupação da região. Segundo Antonil

“a sede insaciável do ouro estimulou a tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das Minas, que dificultosamente se poderá dar conta do número das pessoas que atualmente lá estão” (ANTONIL [1650-1716], 2007: 226).

A grande euforia e movimentação causada por tais descobrimentos fizeram com que, nos anos que abrem o século XVIII os arraiais mineiros cresçam tão vertiginosamente que, em poucos anos, muitos deles atingiram a dignidade de vila (ZEMELA, 1991: 53).

Em meio a essa dinâmica coletiva há uma gama de trabalhadores fora das categorizações de “senhores” e “escravos”, abarcando escravos forros, colonos livres, “vadios”, entre outros que se ocupavam das mais diversas atividades, tais como, entradas, trabalho em presídios, obras públicas, lavoura, comércio, polícia privada, nas fronteiras e expansão territorial, milícia, corpos militares, entre outros (SOUZA, 1990). Os “desclassificados” (Ibidem) compunham assim parte significativa da sociedade. Há de

---

\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGARq-MAE/USP). Bolsista CAPES. melquiadesvinicius@gmail.com

se destacar, para o presente trabalho, os artesãos e/ou oficiais mecânicos, responsáveis por parte de uma população material utilizada no sustento e manutenção dos moradores e pessoas que passavam pelas Minas Geraes.

Nesse contexto, encontramos as vasilhas de pedra-sabão que participam de dinâmicas coletivas com diferentes grupos. O memorialista Lima Junior aponta que

“(…) os artistas portugueses, familiarizados com o uso da pedra de Ançã, da região de Coimbra, e afamada em toda a península pelos seus usos múltiplos, não tardaram a descobrir, perto de Ouro Preto e Mariana, um material que lhes pareceu análogo e que foi prontamente empregado em estatuária, construções civis e *manufatura de utensílios domésticos*” (LIMA JÚNIOR, 1978).

Já a arqueóloga Camilla Agostini aponta para a possibilidade de estarem ligados a grupos de escravos. Ao analisar os cachimbos cerâmicos com “motivos” africanos, a autora afirma que

“estes parecem os principais exemplos de cultura material de uso cotidiano relacionada diretamente aos escravos. Podemos pensar, ainda, na produção de objetos de ferro ou em matérias-primas locais, como é o caso pedra-sabão em Minas Gerais” (AGOSTINI, 1998:117).

Tomando como base os pressupostos de uma *Arqueologia simétrica* e, utilizando como método o estudo Etnoarqueológico em uma comunidade de artesãos (Cachoeira do Brumado, Ouro Preto) e o estudo técnico de duas coleções (sítio Arqueológico Faz. do Padre Fraga-Mariana e Museu da Inconfidência-Ouro Preto), o presente trabalho propõe uma discussão das dinâmicas coletivas referentes ao período, enfatizando uma abordagem conjunta entre cultura material e oficialato que agregue novas informações, visando um novo olhar sobre esse patrimônio cultural.

As proposições de uma Arqueologia simétrica

Arqueologia simétrica é um termo que vem sendo cunhado e discutido nesse século que se inicia. Parte de uma esfera mais ampla do conhecimento humano, de sua interdisciplinaridade, indo do “princípio da simetria” proposto pelo filósofo e sociólogo da ciência David Bloor (1976 apud SHANKS, 2007: 293), passando a uma *Antropologia simétrica* como proposta por Latour (2004; 2007), reflexiva, baseada na *actor-network-theory* (ANT), na Ecologia política, e chegando finalmente aos estudos arqueológicos onde esta nova postura ou atitude vem sendo posta frente aos grandes

paradigmas (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007; WEBMOOR, 2007; SHANKS, 2007; WITMORE, 2007).

Não obstante uma reflexão sobre a própria produção e a agregando uma *multivocalidade*, tal movimento parte da necessidade de quebra dos dualismos cartesianos que regem nossa sociedade, tais como “passado-presente, sujeito-objeto, significado-significante, representação-representado” (WEBMOOR, 2007: 296). A negação de ontologias segregadas se dá “não para concluir que tal coisa não existe (pois já existem coisas de mais que não existem)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002: 349), mas sim trazendo à tona seu caráter relacional e de constituição mútua, coletiva (LATOUR, 2004). Tal pensamento traz à tona a necessidade de elevação das “coisas” ao mesmo patamar dos humanos e o reconhecimento de que estamos “imersos em um mundo de pessoas, animais e coisas, que mantêm múltiplas transações entre si, se constroem simultaneamente e formam coletivos híbridos” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007: 283).

A reformulação dos paradigmas anteriores (Processuais e Pós-processuais) parte da crítica de que são eles o duplo resultado da assimetria entre Natureza e Sociedade, nas quais o peso da explicação recaiu sobre uma das duas entidades ontológicas (WEBMOOR, 2007). Com a eliminação de tais dualidades, conforme proposto por Latour (2004), torna-se possível para os arqueólogos o re-conhecimento de uma simetria entre o material e o social, homens e coisas, humanos e não-humanos. Não mais segregadas as ontologias, Natureza e Sociedade devem então ser explicadas a partir dos mesmos termos (WEBMOOR, 2007: 300).

Ao aceitar uma ontologia comum a humanos e não-humanos, e chamar a atenção para as relações (SHANKS, 2007: 293) na concepção de um todo coletivo, a Arqueologia Simétrica trata da “nivelção analítica dessas entidades diversas (...) começando com a proposição de que os humanos e as coisas se constroem simultaneamente” (WITMORE, 2007: 305) nos permitindo “mediar (traduzir) estas relações entre pessoas e coisas” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2007: 283).

Se por um lado temos uma reformulação teórica e uma postura por parte da Arqueologia que implica em uma revisão profunda dos rumos tomados pela disciplina, apontando até mesmo no sentido de uma cisão, de outro temos uma continuidade substancial, reconhecida pelos defensores de uma Arqueologia simétrica, com relação

aos grandes paradigmas arqueológicos (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007; WEBMOOR, 2007; SHANKS, 2007; WITMORE, 2007). Assim, ao utilizar conceitos que, a meu ver apresentem assimetrias, estes serão vistos de maneira crítica na tentativa de nivelá-los no tratamento dos coletivos.

Objetos e métodos: a comunidade de artesãos e o estudo das coleções

Na atualidade, a comunidade de Cachoeira do Brumado, distrito da zona rural de Ouro Preto, ainda tem uma vivência cotidiana na produção e comércio das vasilhas de pedra-sabão, cujo início se deu no início do século XVIII (INSTITUTO TERRA BRASILIS, 1999). Há um Boletim do ministério da Agricultura, Indústria e Comércio do Rio de Janeiro, publicado pelo químico alemão Oskar Von Burguer em 1927, que toma como base a observação da produção nessa comunidade, abordando o potencial da produção e comércio das “painhas de pedra-sabão mineiras”<sup>1</sup> (VON BURGUER, 1927).

O estudo Etnoarqueológico desenvolvido em tal comunidade<sup>2</sup> proporcionou “o entendimento de níveis maiores de complexidade, tentando discernir os correlatos materiais dos aspectos cognitivos, sociais, ideológicos” (POLITIS & PERRETI, 2004: 89). Aceitando que “(...) existe uma relação dialética entre prática e simbolismo na ação dos homens com seu mundo material” é possível perceber que, “mais do que formular generalizações que possam ser utilizadas para interpretar o registro arqueológico, a Etnoarqueologia pode propiciar um aprofundamento no entendimento desta relação que se expressa na cultura material” (SILVA, 2000: 42).

O Distrito de Cachoeira do Brumado localiza-se 20km a leste de Mariana. No centro do distrito situa-se o ribeirão do Brumado, utilizado como ponto de referência pelos visitantes e moradores, o qual forma uma cachoeira que dá nome ao local. A documentação indica que o arraial surgiu nos primórdios do século XVIII quando João Pedroso, um dos primeiros descobridores de ouro nas Minas Gerais, juntamente com João Lopes Pereira, iniciaram o arraial e criaram a primeira capela de Cachoeira do Brumado. João Pedroso fez mais: constituiu-o patrimônio, por escritura de 11 de

---

<sup>1</sup> Este documento é importante não só por atestar uma “antiguidade” da produção local totalmente segura, à qual certamente recuaremos, como, nós dar pistas da dinâmica desses objetos em coletivos passados, chegando a ser indicador já de uma preocupação Estatal em incentivar tal produção, talvez denotando um projeto de propaganda enquanto produto cultural.

<sup>2</sup> 20 dias durante o mês de julho de 2009. No que se refere ao método de campo, este é fundamentalmente (mas não exclusivamente) mediante observação participante (POLITIS E PERRETI, 2004: 92).

agosto de 1726. Este patrimônio foi aumentado, no mesmo ano, por doação do Coronel Matias Barbosa da Silva (CASTILHOS, 2006; INSTITUTO TERRA BRASILIS, 1999).

Atualmente na Comunidade são desenvolvidas atividades artesanais em madeira, tapeçaria e pedra-sabão, das quais a que sobressai é certamente a produção das painéis de pedra-sabão. Esta produção destina-se ao abastecimento do comércio e turismo cultural presente na região, havendo uma grande variedade nas maneiras como os grupos organizam o processo produtivo.

Dentre os tornos que estão em atividade atualmente, a maioria elétrica, há apenas dois que utilizam energia hidráulica, dos quais apenas um estava em atividade quando de minha estada no local. Outra característica variável, e fundamental em se tratando de continuidade e rupturas com técnicas e tecnologias passadas, é quanto ao acesso à matéria-prima. A ação das mineradoras na região, principalmente a partir da década de 1970-80 (INSTITUTO TERRA BRASILIS, 1999), deu fim às jazidas mais superficiais, de fácil acesso aos artesãos. Isso fez com que estes passassem então a comprar o estéril<sup>3</sup> dessas empresas. No extremo, e denotando uma faceta de permanência perante as bruscas rupturas, há ainda os artesãos que praticam extração manual (individual ou coletiva).

Os próprios aspectos materiais da localidade são indicadores da importância que a produção desses vasilhames tem na conformação do arraial e na sociedade desde o início da ocupação. Aproximadamente 70 metros jusante à queda d'água, há ruínas da antiga represa que abastecia todo o arraial, inclusive a grande quantidade de tornos hidráulicos, cujos negativos ainda são encontrados na região central do distrito.

Não obstante a possibilidade de observação das relações estabelecidas entre homem e materialidade nessas composições coletivas específicas, o estudo Etnoarqueológico também foi primordial para identificação de características materiais resultantes das diferentes “opções tecnológicas”<sup>4</sup> adotadas durante o processo de produção, bem como de marcas físicas oriundas das diferentes etapas da “história de vida”<sup>5</sup> desses artefatos.

---

<sup>3</sup> Entende-se por estéril as partes da rocha mãe que não são de utilidade para as mineradoras sendo, por isso, vendidas aos artesãos.

<sup>4</sup> Há, no entanto de se destacar que não adoto a concepção de “sistema tecnológico” conforme proposto no quadro geral de uma Antropologia da Tecnologia (LEMONNIER, 1992).

<sup>5</sup> Tal conceito está ligado à Arqueologia Comportamental e abarca as etapas de vida dos objetos indo

Com intuito de perceber esses aspectos nas coleções estudadas (sítio Fazenda do Padre Fraga-Mariana e Museu da Inconfidência-Ouro Preto), foi elaborada uma ficha analítica. Por se tratar de um conjunto de objetos que englobam tanto fragmentos como vasilhames inteiros foi feita uma planilha voltada para o universo dos fragmentos e, a partir dela se deu a definição de um número mínimo de potes (NMP). Tendo projetado as características atribuídas e apontando as possibilidades de forma, quando não totalmente presentes, houve o abandono do universo dos fragmentos e o trabalho com universo das vasilhas, chamados de “indivíduos” seguidos de um número seqüencial<sup>6</sup>.

As coleções somam 22 indivíduos, dos quais 7 encontram-se no Museu da Inconfidência e 15 são oriundos do sítio arqueológico Fazenda do Padre Fraga<sup>7</sup> (ver Estampa 2). Enquanto estes últimos foram encontrados em contexto arqueológico, o possibilita abordagens espaciais intra-sítio, os primeiros foram doações<sup>8</sup>.

O sítio arqueológico histórico Ruínas da Fazenda do Padre Fraga (zona rural de Mariana, Coord. UTM: 23K 664070/7764112)<sup>9</sup> é caracterizado por um conjunto de ruínas que indicam a presença de uma grande unidade produtiva rural ligada a atividades distintas e complementares como a mineração e a pecuária (COOPERATIVA CULTURA, 2008: 12). Tomando a edificação principal<sup>10</sup> como área de escavação central, foram também escavados os setores norte, sul, leste e oeste (COOPERATIVA CULTURA, 2008; 2010). No extremo nordeste do setor central há uma área que

---

desde a busca de matéria prima, manufatura, vários estágios de uso, reuso e/ou reciclagem, para o eventual descarte ou abandono do objeto no registro arqueológico, havendo a possibilidade de múltiplos ciclos (SCHIFFER, 1987; LAMOTTA & SCHIFFER, 2002; HOLTORF, 2002).

<sup>6</sup> A metodologia de análise seguiu as amplamente utilizadas em Arqueologia, que partem de uma revisão dos manuais (LA SALVIA & BROCHADO, 1989; GOMES, 2002; ZANETTINI, 2005).

<sup>7</sup> Mesmo o universo material sendo pequeno este parece condizer com uma quantificação geral desse tipo de artefato frente aos demais. A título de exemplo, nas escavações do sítio arqueológico fazenda do Padre Fraga escavações foram resgatados 299 fragmentos de cerâmica esmaltada; 128 de cerâmica não esmaltada; 228 fragmentos de vidro; 439 fragmentos de metal e apenas 73 fragmentos de pedrasabão (COOPERATIVA CULTURA, 2010).

<sup>8</sup> Nas fichas catalográficas do Museu da Inconfidência encontram-se referências à procedência de Cachoeira do Brumado<sup>8</sup>, da Fazenda do Mato Dentro (município de Barra Longa) e da Casa do “Barão de Camargos”, todos atrelados ao século XIX.

<sup>9</sup> Tal sítio arqueológico foi registrado e estudado pela equipe da Cooperativa Cultura sob coordenação da Dra. Loredana Ribeiro, no âmbito do “Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico das Áreas atingidas pela instalação da segunda linha do Mineroduto Samarco (Mariana/MG – Anchieta/ES)” (COOPERATIVA CULTURA, 2008; 2010).

<sup>10c</sup> Quatro paredes de pedra e barro instaladas nos extremos da planta, com cerca de 4 metros de altura cada uma, sugerem sólidos alicerces de uma construção de dois andares” (COOPERATIVA CULTURA, 2008: 15).

“parece ter sido de grande importância na edificação”, denominada “zona de cantaria”, com grande possibilidade de ter comportado uma pequena capela (COOPERATIVA CULTURA, 2008: 18).

As áreas laterais da casa (setores oeste e leste) parecem estar ligadas a espaços de circulação e uso pelos serviçais da fazenda. No setor leste foram identificados patamares escalonados de onde foram exumados “vestígios de materiais construtivos (telhas, cravos e fragmentos de blocos de barro de preenchimento de paredes de pau-à-pique) e tralha doméstica (em esteatita, louça e cerâmica); materiais que sugerem fortemente a presença de casas no local” (idem: 329).

De acordo com os dados da pesquisa histórica feita pela equipe da Cooperativa Cultura (2008; 2010), o Padre Domingos Pereira Fraga recebeu em 1776, aos 21 anos de idade, uma sesmaria e dois escravos homens, doação de seu tio, o Coronel Estevão Gonçalves Fraga, para compor seu dote de ordenação no Seminário de Mariana<sup>11</sup>. Consta no processo de ordenação sacerdotal que à época, a sesmaria doada já possuía casas de vivenda, paiol, engenhos e moinhos. O Coronel Estevão Gonçalves Fraga já estava na região há pelo menos 20 anos, com sesmaria registrada em seu nome já em 1756<sup>12</sup>, tornando possível que a fazenda tenha sido erguida entre as décadas de 50 e 60 do século XVIII.

#### Etnoarqueologia em ação: o processo produtivo

De maneira sintética o processo produtivo pode ser dividido em quatro etapas: (1) extração/transporte de matéria prima, (2) preparo da pré-forma, (3) torneamento e (4) acabamento final<sup>13</sup>. A primeira delas é certamente a que requer um maior investimento, influenciando no local de fixação dos tornos hidráulicos<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Procuração de Estevão Gonçalves Fraga, 21 de agosto de 1776 in De genere et moribus. (processo de habilitação sacerdotal). Domingos Pereira Fraga, 1774. **AEAM**, arm 3, pasta 450.

<sup>12</sup> Carta de Sesmaria de Estevão Gonçalves Fraga, 1756. Arquivo Público Mineiro, Códice 112. P. 147. Filme 15. Gaveta E1. Fotogramas – 883, 884 e 885.

<sup>13</sup> Para o presente artigo tais etapas foram descritas de maneira sintética e sem apresentação de um grande número de imagens.

<sup>14</sup> Tendo em vista o peso e a necessidade de um fio de água com força suficiente para movimentar o torno, os artesãos optam pela instalação das engenhocas próximas às corredeiras e às fontes de matéria prima. Vale destacar também que, projetando para o passado, em Cachoeira do Brumado haviam canais que levavam água para os tornos situados na região central, onde as oficinas ocupavam o espaço periodomiciliar, tal qual se observa na atualidade e em outras localidades (CASTILHOS, 2006).

Ainda no início do século XX, esses tornos horizontais foram descritos e ilustrados por Von Burguer (1927). Segundo ele, estes se encontram no interior de modestas cabanas, cobertas de palha e aberta em três lados (ver estampa I).

“A roda d'agua (*E*) possui um eixo bastante comprido (*F*), sobre o qual está fixada uma polia de madeira (*G*). (...) Os dois pontos de ferro (aliás as únicas partes feitas de ferro no torno inteiro) são fixados sobre dois suportes verticais bem grossos *C1* e *C2*, um fixo numa viga horizontal pesada de madeira *B* e outro escorregando dentro de uma fenda da mesma viga, de modo que a distância dos pontos possa ser adaptada convenientemente conforme o tamanho do bloco. A viga escorrega sobre dois paos horizontais *A C A*, para dar à correia a própria tensão, e fixa-se na posição desejada por meio de uma haste inclinada *D*, que fica enterrada numa extremidade e encostada noutra contra o suporte vertical fixo na viga. Assim o aparelho permite todos os movimentos necessários para o ajustamento da obra” (VON BURGUER, 1927:527).

Definido tal local de fixação e construído o torno, a escolha da matéria-prima requer o conhecimento de algumas características da pedra, levando à seleção de partes do afloramento que não contenha impurezas, pois essas dificultam e/ou impossibilitam a produção<sup>15</sup>. A extração se dá então com o uso de um serrote ou alavanca, também chamada por eles de “finco” ou “ferro de torno”, com a qual o artesão aplica gestos lapidando a rocha mãe até que parte dela se desprenda.

O preparo da pré-forma se dá através do desbaste. Com o “ferro de torno” e o mesmo aparato gestual da extração, o artesão lapida o bloco gerando a pré-forma que irá ao torno. Diferencia-se da primeira, pois, consiste na retirada do preenchimento dando uma forma mais próxima à pretendida. Nessa etapa é necessário que o artesão deixe uma “torre” na área interna, central da vasilha e utilize um “puá” para confeccionar pequenos furos onde serão inseridas “buchas” que serão presas por encaixe nas extremidades do torno.

Com a pré-forma presa ao torno e em movimento centrípeto, o artesão vai esculpindo uma forma final ao seu produto através do contato da pré-forma com o “ferro de tornear”. É extremamente importante que a pré-forma esteja presa no ponto

---

<sup>15</sup> A referência à “Pirita” ( $\text{FeS}_2$ ) é unânime em Cachoeira do Brumado. Sendo um mineral opaco de brilho metálico e dureza variando de 6 a 6,5 na escala MOHS (LENIZ & CAMPOS, 1979: 48), ela pode ser encontrada em diferentes percentuais e concentrações. Por ser de dureza bem maior que a da esteatita (0 a 2 na escala MOHS), tanto o atrito da ferramenta do artesão durante o processo de torneamento como o contato com o fogo, fazem com que esses aglomerados minerais se decomponham e desprendam do restante do bloco causando pequenos buracos que podem chegar a grandes fraturas e até “estourar” a peça durante o processo de torneamento.

central, caso contrario o vasilhame certamente terá uma diferença na espessura de seu corpo, podendo desprender do torno e até mesmo ser cortado pelo artesão<sup>16</sup>.

Os gestos que darão a forma pretendida ao vasilhame tornam-se mais complexos na medida em que vai o processo vai se finalizando. O volume pretendido é de suma importância, pois influenciará no peso do bloco trabalhado e, por consequência, na espessura da torre. Caso a espessura da torre não agüente o peso do objeto esta pode quebrar-se e a pré-forma se desprenderá do torno.

O contorno pretendido também influencia na performance. A confecção de uma vasilha fechada, ou seja, com o diâmetro da boca sendo o menor dos diâmetros, dificulta o acesso à superfície interna durante o torneamento. Isto porque os ângulos possíveis para que o artesão coloque a alavanca em contato com a face interna da pré-forma serão menores (ver imagem 1). O mesmo ocorre quando a vasilha pretendente tem um ponto de inflexão abrupto no corpo e, caso o artesão por algum motivo não tenha de seus gestos teremos uma peça com paredes mais grossas e irregulares. A cadeia de gestos despendida aqui é de suma importância, pois, torna-se possível perceber, através dela a habilidade do artesão no trato com a matéria-prima.

Após o torneamento, com o pote já fora do torno, o artesão e retira a torre e dá então os acabamentos finais. Os artefatos são finalizados com polimento, para o qual se utiliza lixa em ambiente seco ou molhado. Pelo que foi perceptível na Comunidade de Cachoeira do Brumado e pelo que consta na bibliografia (CASTILHO, 2006), tanto o acabamento final quanto a fixação das alças podem feitos por outros membros do núcleo familiar ou da comunidade, tais como crianças e mulheres.

“Um ofício não oficial”: o contexto de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX

Os artesãos que trabalhavam na produção de vasilhas de pedra-sabão são considerados aqui oficias mecânicos. Isso tomando como base a idéia de que o termo refere-se a “homens que se dedicavam ao exercício de profissões consideradas manuais, por fazerem uso das mãos, comumente conhecidos como oficiais mecânicos” (SILVA, 2007: 70).

A ação do Estado, ao gerar uma série de condutas normatizadoras perceptíveis na documentação histórica, é uma indicação do quão intensa e promissora tais

---

<sup>16</sup> No intuito de obter uma medida aproximada o artesão, quando não seguro o suficiente para fazê-lo a olho nu, usa um compasso, parecido como os utilizados nos trabalhos de cantaria.

atividades podem ser no âmbito de uma sociedade colonial mineira. (SILVA, 2007; MENESES, 2007; SILVA FILHO). Essas condutas têm o intuito de regular o dia-a-dia dos oficiais, seus locais e ferramentas de trabalho, os preços de seus serviços e mercadorias, ou seja, os diferentes modos do fazer, estilos, além dos lucros gerados (ibidem)<sup>17</sup>. Na documentação e bibliografia consultadas não há referências, direta ou indireta, à produção de vasilhas de pedra-sabão, levando à proposição da tese de que seria este um “ofício não oficial”.

Ao enfatizar o conhecimento, gestos e ferramentas utilizados durante o processo produtivo, há possibilidade de aproximação com outros ofícios<sup>18</sup>. As formas e usos das vasilhas de pedra-sabão se assemelham aos dos objetos em cerâmica e metal, porém, o contato com a com a pedra, as técnicas de desbaste, a utilização da alavanca de ferro e a necessidade de conhecimento mínimo para a medição rígida, são fatores que a aproximam dos canteiros, pedreiros e até mesmo carpinteiros.

As particularidades das oficinas são perceptíveis tanto no discurso oficial êmico de que “*officina he o nome generico dos lugares em que trabalhaó officiaes de qualquer officio*” (BLUTEAU[1712 – 1728]: 47), quanto na caracterização geral desses espaços de trabalho, uma vez que “o exercício de um ofício dentro de um lugar privado independia da habilitação legal” (SILVA FILHO, 1996: 97). Tal qual posto acima, o conceito abarca os locais de produção das vasilhas de pedra-sabão visto que são espaços físicos de trabalho, estejam ou não inseridos na máquina administrativa. Estas, porém, se diferem das outras, pois ocupavam as áreas rurais, nos limites dos então aglomerados urbanos, e tem um caráter provisório, algumas vezes itinerante. Von Burguer (1927: 520-522) faz referência a tais características ao citar que:

Acabado o veio de onde se extrahe a matéria prima ou encontrado qualquer dificuldade, por exemplo uma pedra mais dura ou menos homogênea, o fabricante de panellas desmonta simplesmente sua officina e move-a para um outro logra, a pequena distancia, onde acha uma outra jazida de fácil exploração.

---

<sup>17</sup> A burocracia setecentista consistia na eleição de juizes de ofícios, estabelecimento de regimentos, e retirada de licenças e carta de exame para atuarem (SILVA, 2007; SILVA FILHO, 1996; MENESES, 2007).

<sup>18</sup> Alguns ofícios mecânicos de Vila Rica no século XVIII são alfaiate, barbeiro, cabeleiro, carpinteiro, cutilheiro, cerqueiro, escultor, espadeiro, espingardeiro, ferrador, ferreiro, latoeiro, marceneiro, oleiro, ourives, pedreiro, rebocador/retalhador, sapateiro, seileiro, serralheiro, carpinteiro, canteiro, caldeiros, sangradores (SILVA FILHO, 1996; SILVA, 2007).

Visto que o colonizador europeu em Minas Gerais não superou a ibérica aversão aos trabalhos manuais, é pela via do exercício dessa atividade e de outras artísticas, que há possibilidade de inserção de determinados grupos no quadro social, inclusive com certa mobilidade (BOSCHI, 1988: 13)<sup>19</sup>. A variedade de técnicas, opções tecnológicas e formas da população material em questão nos indicam a participação de indivíduos com diferentes habilidades, referências e conhecimentos.

Nas escavações no sítio Fazenda do Padre Fraga foi notória a maior ocorrência de artefatos de pedra-sabão na área leste, atribuída às atividades dos escravos e serviçais da fazenda (COOPERATIVA CULTURA, 2010). Estes são majoritariamente panelas, que apresentam marcas de fuligem na face externa, indicando seu uso no processamento e produção de alimentos, em áreas de atividade e vivência de subalternos, como a esfera da cozinha (SOUZA, 2000; 2002).

Nesse mesmo sítio há presença de um indivíduo com forma de mais difícil elaboração: contorno fechado, com frisos na face externa da carena. A vasilha tem um ponto de inflexão abrupto em seu corpo o que dificulta sua confecção, feita através de ângulos de torneamento menores. Este mesmo indivíduo apresenta matéria-prima diferente do restante da coleção do sítio, não apresenta fuligem, e foi retirado da área interpretada como sendo uma capela. Tendo isso em vista, é plausível afirmar que tal artefato esteja ligado à esfera da religiosidade, que participe desse coletivo de maneira particular, diferenciada dos demais objetos presentes na amostra.

Há dois barris na coleção presente no Museu da Inconfidência cujas dimensões avantajadas e detalhes de acabamento (reproduzindo os barris de madeira) indicam maior controle da técnica. Conforme pode ser percebido nas representações históricas de Debret – 1834-1839 (ver imagens 2 e 3), os barris estão ligados à esfera do acondicionamento e transporte de líquidos e sólidos porém, no caso dos barris de pedra-sabão torna-se pouco provável, devido ao peso, que estes fossem utilizados no transporte, restando apenas o acondicionamento. Tais artefatos estariam assim ligados tanto à esfera privada (cozinha) quanto à pública (sala).

O artefato que apresenta técnica de confecção mais discrepante da amostra analisada é certamente um alambique presente também da coleção do Museu da

---

<sup>19</sup>. Partindo das cartas de registros de exames foi identificado um total de 529 oficiais mecânicos em Vila Rica, dos mais variados ofícios, dos quais 442 (83,55%) são homens livres, 23 (4,34%) escravos, 20 (3,78%) forros e 44 (8,31%) negros livres (SILVA FILHO, 1996: 81).

Inconfidência. Os canais para a saída do líquido destilado foram confeccionados com ferramentas que não são parte do aparato instrumental dos artesãos que produzem as vasilhas, o que indica a necessidade de manuseio e conhecimento de novos instrumentos e técnicas.

Em se tratando dos barris e do alambique é possível que tenham sido feitos sob encomenda, por artesãos com um status diferenciado dos demais, o que seria indicativo de uma agência. Corrobora com esta hipótese a idéia de que são formas singulares, não comuns em contextos arqueológicos ou coleções de museus. Nesse ponto, encontramos uma tendência à confecção das panelas, padronização essa apontada também por von Burguer.

(...) fabrica-se quase exclusivamente um único tipo da forma representada na fig.I (*que corresponde á Forma 3*) com ligeiras variações na forma e tamanho. (...) vi apenas duas vezes objectos diferentes do typo commum feitos em pedra de sabão. Eram um barril cylindrico com tampa, cerca de 30 centímetros de diâmetro e 50cm de altura (...) Também me foi mostrado, com bastante orgulho, quando, em Santa Rita, perguntei se não haviam outra coisa senão panellas, um copo para água feita na forma dos copos communs de vidro com pé (von BURGUER: 1927: 522).

Parece, assim, que tal produção estava ligada a grupos de colonos livres, forros e escravos, que tiveram contato ou não com algum outro ofício – em alguns casos parece claro que sim. Pode se pensar, por exemplo, que um oficial trabalhasse para um mestre canteiro e, em outros horários ou períodos, manufacturasse vasilhames para venda e troca tanto nos centros urbanos quanto nos caminhos. A idéia de que a confecção dos artefatos de pedra-sabão não seja trabalho exclusivo destes artesãos também é apontada por von Burguer.

“Ele (*o artesão*) interrompe seu trabalho industrial nos tempos da colheita e em qualquer outro tempo, quando há um serço mais urgente ou mais rendoso.(....) Um bom veio de pedra e um pequeno ribeirão, que forneça o pouco de força hydraulica necessária para tocar o torno e esse exíguo capital é tudo quanto precisa o fabricante para ganhar a vida ou, mais exactamente, para augmentar os pequenos lucros tirados da lavoura e para dar-lhe ocupação nas suas horas vagas. Von Burguer (1927: 520-522)”.

Não se trata, aqui, de atrelar a produção a um grupo determinado. Antes disso, a pretensão é de perceber uma rede dinâmica na qual agem humanos e não-humanos – representados aqui pelos vasilhames de pedra-sabão – na conformação de coletivos

híbridos, constatando uma sociedade onde as rupturas são constantes, a mobilidade social é vivida, as idéias se projetam sobre uma realidade crua, apontando opções e estabelecendo novas dinâmicas coletivas.

#### Conclusão

É possível compreender, a partir do exposto, que a dinâmica coletiva da qual participam as vasilhas de pedra-sabão no passado estão ligadas a grupos de colonos livres, escravizados e ex-escravizados em suas concepções e relações com o mundo no qual se inseriam, envolvendo questões de sobrevivência, de interação mútua, de criatividade e conhecimento. Também é plausível pensar que o fazer, era naquele momento, um mecanismo não só de sobrevivência como de mobilidade social, denotando uma agência.

Ao contrário do que parece sugerir a situação desses objetos nos museus atualmente, e a constante referência a “Aleijadinho”, o status dos então artesãos não era de uma “afamado artista” que tinha escravos. Culmina assim, com a possibilidade de uma revisão das informações construídas e forjadas sobre esse patrimônio material para uma compreensão mais crítica desses objetos, dando a eles uma multivocalidade e trazendo à tona atores até então esquecidos.

#### Referências bibliográficas

AGOSTINI, Camila. **Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades**: Um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional* 3(2): 1998.

BLUTEAU, Raphael [1712-1728]. **Vocabulário Portuguez & Latino, áulico, anatômico, architectonico**. Coimbra: disponível em [www.ieb.usbr](http://www.ieb.usbr) (consultado em 08/2008)

BOSCHI, Caio. **O Barroco Mineiro: artes e trabalho**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1988.

CASTILHOS, Zuleica et ali. **Trabalho familiar no artesanato de Pedra-sabão – Ouro Preto, Brasil**. (IN) *Gênero e trabalho infantil na pequena mineração: Brasil, Peru, Argentina e Bolívia*. (Orgs.) Zuleica C. Castilhos, Maria Helena Rocha Lima, Núria F. Castro. Rio de Janeiro: CETEM/CNPQ, 2006.

CHYMZ, Igor. **Terminologia Brasileira para Cerâmica**. Curitiba, CEPA. (Manuais de Arqueologia 1. parte II). 1975.

COOPERATIVA CULTURA. Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico das áreas atingidas pela instalação da segunda linha do mineroduto Samarco. **Relatório preliminar de sítios de Bento Rodrigues, Mariana/MG**. Portaria IPHAN nº 23/02/2006. 2008.

COOPERATIVA CULTURA. Os sítios arqueológicos históricos das áreas de influência da segunda linha de mineroduto: Espírito Santo e Minas Gerais, séculos XVII ao XIX. **Relatório final de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico das Áreas de Influência da segunda linha do Mineroduto da Samarco**. Portaria IPHAN nº 51 de 23/02/2006 e nº 21 de 03/07/2008. 2010.

GOMES, D. M. C. **Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica do MAE-USP**. Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp/ Imprensa Oficial do Estado, São Paulo. 2002

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (Ed.). **Arqueologia Simétrica**. Um giro teórico sin revolución paradigmática. Complutum 18: 2007.

HOLTORF, Cornelius. **Notes on the Life History of a Pot Sherd**. Journal of Material Culture; 7, 2002.

INSTITUTO TERRA BRASILIS DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AMBIENTAL. **Diagnóstico preliminar da atividade artesanal em pedra-sabão na região de Ouro Preto e Mariana, MG**. Belo Horizonte: Instituto Terra Brasilis, 1999.

LAMOTTA, Vicenti M. & SCHIFFER, Michael B. **Behavioral Archaeology: Toward a New Synthesis**. In: Hooder, Ian (Org.). Archaeological Theory Today. Cambridge: Blackweel publishers, 2002.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. **Cerâmica Guarani**. 2ªEd. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LATOUR, B. Nunca fuimos modernos: **Ensayo de antropologia simétrica**. Buenos Aires: Siglo XXI editora Argentina, 2007.

LEMONNIER, P. **Elements for an Anthropology of Tecnology**. Michigan. Museum of Anthropological research (88). University of Michigan, 1992.

LEMONNIER, O. (Org.). Technological choices: **Transformation in material cultures since the Neolithic**. London: Routledge, 1991.

LIMA JÚNIOR, A. **A Capitania das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

MENESES, J. N. C. Homens que não mineram: **Oficiais mecânicos nas Minas Gerais Setecentistas**. In: Resende & Villalta(Orgs.). História de Minas Gerais: as minas setecentistas. Vol.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

POLITIS, G. & PERETTI, R. **Tendencias de la Etnoarqueología en América Latina**. In: Politis, G. & R. Peretti. (Org.). *Teoría Arqueológica en América del Sur*. Olavarría: INCUAPA, 2004.

SCHIFFER, M. B. **Archaeological Context and Systemic Context**. In: *American Antiquity*, 37(2), 1972.

SCHIFFER, M. B. **Formation Processes of the Archaeological Record**. University of New Mexico Press, 1987.

SHANKS, M. **Arqueologia Simétrica**. González-Ruibal (Ed.). *Arqueología Simétrica. Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum .18, 292-295: 2007.

SILVA, Fabíola A. **As tecnologias e seus significados**. Tese de doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, Fabiano Gomes da. **Pedra e Cal: os construtores de Vila Rica no século XVIII (1730-1800)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: UFMG, 2007.

SILVA FILHO, Geraldo. **O oficialato mecânico em Vila Rica no século dezoito e a participação do escravo e do negro**. Dissertação de mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras. USP, 1996.

SOUZA, Laura de M. **Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. 3ed. Graal: Rio de Janeiro, 1990.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2002.

VON BURGUER, O. **Estudos sobre “pedras de sabão” de Minas Geraes**. Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. V.3, 519-548, 1927.

WEBMOOR, Timothy. Un giro más tras el 'giro social'. **El principio de la simetría en arqueología**. González-Ruibal, A. (Ed.). *Arqueología Simétrica. Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum .18, 296-304: 2007.

WITMORE, C. **Arqueologia simétrica: un manifesto breve**. González-Ruibal (Ed.). *Arqueología Simétrica. Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum .18, 305-313: 2007.

ZANETTINI, Paulo E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista**. Tese (Doutorado em Arqueologia) MAE/USP, São Paulo, 2005.

ZEMELA, Mafalda. **O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1991.

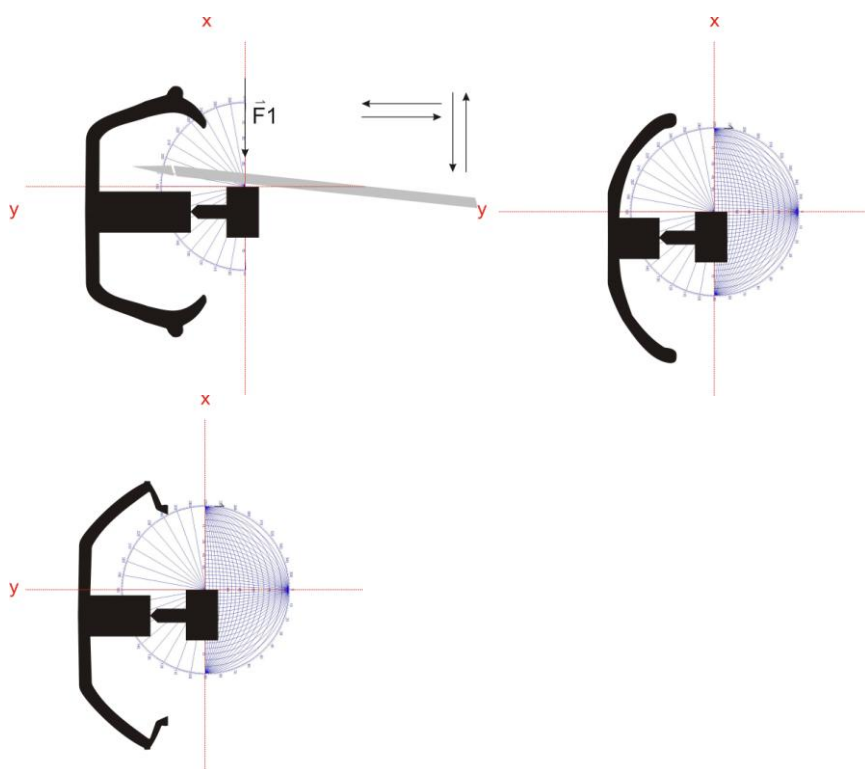


Imagem 1: Ângulos de torneamento.



Imagem 2: Loja de rapé. Aquarela de Debret 1834-1839.

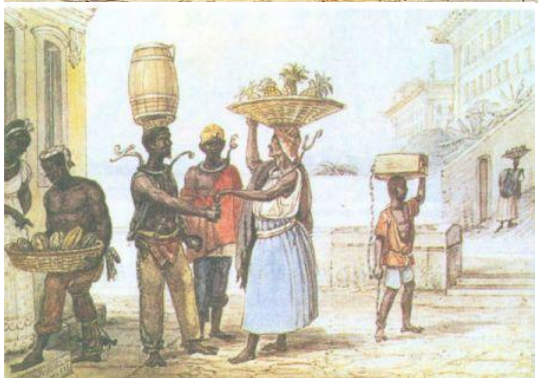
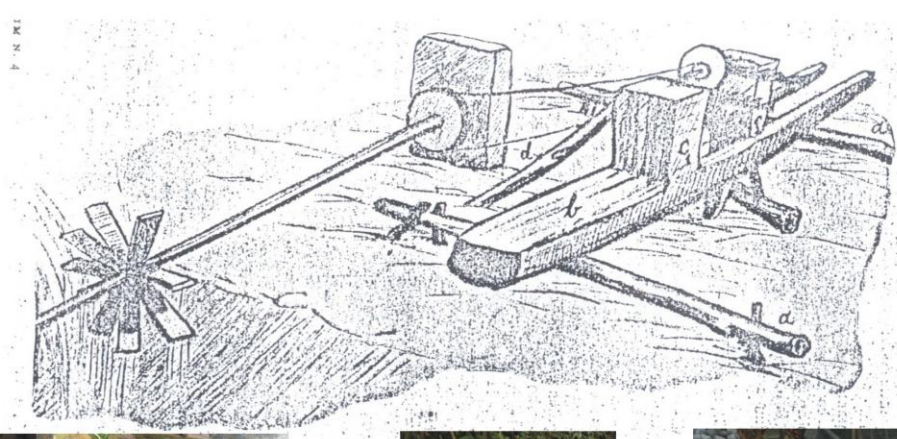
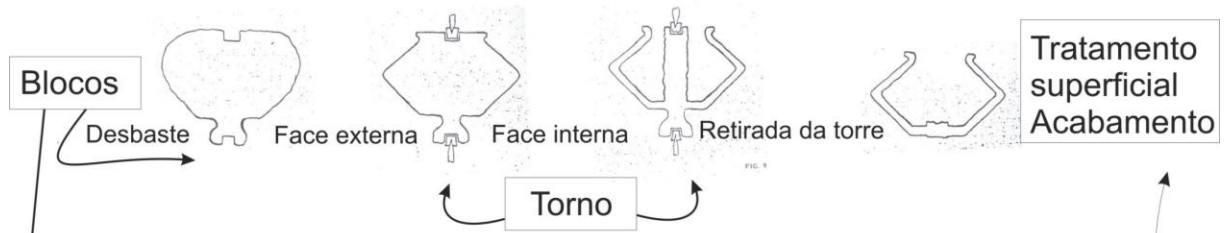


Imagem 3: Cenas urbanas. Aquarela de Debret.

# Produção

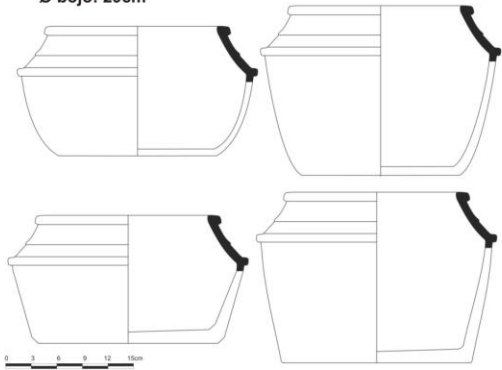


Desenhos capturados de VON BURGUER, O. Estudos sobre "pedras de sabão" de Minas Geraes. *Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio*. V.3, p.519-548, 1927.

**EST I**

## Formas

Panela - Forma 1  
PF2467-1 e 3  
Ø boca: 19cm  
Ø bojo: 29cm



Panela - Forma 2  
PF1981-1  
Ø boca: 32cm



Panela - Forma 4  
PF1125  
Ø boca:20 cm  
Ø bojo: 27cm  
Ø base: 16  
H= 13,5



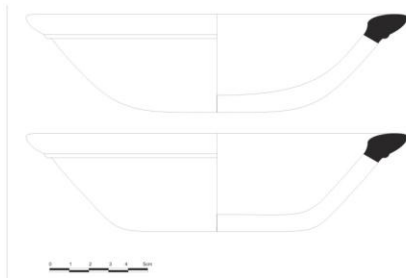
Panela ("Frigideira")- Forma 3  
Mi1328  
Ø boca:32 cm  
Ø base: 29cm  
H: 17,5



Barril - Forma 6  
Mi2774  
Ø boca:29,1 cm  
Ø base: 28,5cm  
H= 33,5cm



Tigela rasa - Forma 5  
PF2464-8  
Ø boca:18 cm



Copo - Forma 8  
PF116  
Ø base:10cm  
Negativo da torre Ø: 4cm



Prato - Forma 7  
PF1887  
Ø boca:24cm



Alambique- Forma 9  
Mi327



EST II